

NORBERTO ÁVILA

# *algum teatro*

III

*Magalona Princesa de Nápoles*

*O Marido Ausente*

*As Viagens de Henrique Lusitano*

*A Donzela das Linzas*

*Uma Nuvem sobre a Cama*

678713

*Título:* Algum Teatro  
Vol. III

*Autor:* Norberto Ávila

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* UED/INCM

*Capa:* desenho do autor

*Revisão do texto:* Miguel Antunes Pereira  
Branca Vilallonga

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Dezembro de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1660-4

*Depósito legal:* 294 430/09



NORBERTO ÁVILA

*algum teatro*

III

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

AS VIAGENS  
DE HENRIQUE LUSITANO

(1989)

Narrativa dramática escrita em 1989, a convite do Teatro do Marionetas Lantorna Mágica, que a representou no ano seguinte (Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos), com encenação de António Gualdyno.

A 1.<sup>a</sup> edição (Reportório da Sociedade Portuguesa de Autores, 1991) foi, nesse mesmo ano, por iniciativa da SPA e da Comissão dos Descobrimentos, lançada na Casa dos Bicos (Lisboa). Mais recentemente, na Universidade de São Paulo (Brasil), esta peça tem constado dos programas do ensino da literatura dramática (na disciplina «O Teatro da História na História do Teatro»).

# AS VIAGENS DE HENRIQUE LUSITANO

Narrativa dramática em 3 partes

## Personagens:

HENRIQUE LUSITANO, escudeiro de príncipes e reis,  
inveterado viajante

INFANTE D. HENRIQUE (jovem o, depois, homem feito),  
filho do rei D. João I de Portugal

FREI AMADEU, franciscano

SIBILA EURISMENIA

GIL EANES

CRISTOVAO COLOMBO

BARTOLOMEU DIAS

VASCO DA GAMA

PEIRO ÁLVARES CABRAL

} navegadores

D. JOÃO II

D. MANUEL I

} reis de Portugal

ZAMZAM, negro muçulmano

AMORINDIA (aliás PATRAGALI), bailadeira hindu

LUIS DE CAMÕES, poeta

Um médico judeu

Um índio brasileiro

Coro dos veladores

Marinheiros, cortesãos



*A acção decorre em Portugal (Algarve e Lisboa) e a bordo de caravelas e naus em viagem no Atlântico e no Índico, entre o primeiro quartel do século XV e o primeiro quartel do século XVI.*

## I PARTE

*Ao lado direito da cena, grande, em recorte, a cabeça do Infante D. Henrique, tal como aparece nos célebres painéis de Nuno Gonçalves. Será figura tutelar de toda a representação.*

*Entra o jovem Henrique Lusitano. Pelo traje, dir-se-ia um escudeiro do século xv, talvez um marinheiro da mesma época, se não ambas as coisas.*

LUSITANO — O meu nome é... Depois, muito em breve o sabereis. Porque agora me cumpre apresentar esses dois personagens que passeiam, lado a lado. *(E entram os ditos personagens.)* Um deles, aquele mais novo, há-de ser figura ilustríssima deste reino de Portugal... *(toque de trompete)... da Europa... (toque mais forte)... e do Mundo! (Toque ainda mais forte.)* Não traz ainda o austero hábito da Ordem de Cristo, mas é seguramente o Infante D. Henrique *(e aponta o retrato)*, filho de el-rei D. João I e de sua mulher, D. Filipa do Lencastre. E o outro... é Frei Amadeu, franciscano, que muitas vezes o acompanha em longos passeios à beira-mar. *(Pausa.)* Isto aqui é a praia do Restelo, à entrada do porto de Lisboa, onde bastante mais tarde o venturoso rei D. Manuel I mandará construir o imponente e formosíssimo Mosteiro dos Jerónimos. *(Imagem projectada.)* Desde a idade dos 14 anos que D. Henrique mantém casa à parte — tal como seus irmãos D. Duarte (o futuro rei) e D. Pedro (o infatigável viajante das Sete Partidas). *(Pausa.)* Com pouco mais de 20 anos, este excelente príncipe acaba de regressar da tomada de Ceuta aos Mouros. Estamos portanto no ano do Senhor de 1415. *(Pausa.)* Depois da vitoriosa batalha (vitoriosa para os Portugueses), o pai armou-o cavaleiro *(imagem: espada sobre um ombro de cavaleiro)*, tal como aos irmãos D. Duarte e D. Pedro, na mesquita maior da cidade, a qual foi sagrada como templo cristão. *(Imagem: uma mesquita. Na cúpula, o crescente, substituído pela cruz.)* De tal maneira se desempenhou D. Henrique na tomada de Ceuta que, de regresso a Portugal, o glorioso D. João I já lhe con-

cedia os títulos de duque de Viseu (*faz vénia*) e senhor da Covilhã (*idem*). Mas ouçamos o que dizem os passeantes.

D. HENRIQUE — Preocupa-me sobremaneira a sorte dos pagãos, naquelas terras de África. Muitos haverá, certamente, homens de boa vontade, a quem a Verdade nunca foi anunciada.

FREI AMADEU — Fora da Igreja não há salvação possível, Sr. Infante.

D. HENRIQUE — Pois até agora, Frei Amadeu, nenhum deles entrou no Céu? Como puderam eles ser eternamente condenados por uma Verdade que nunca lhes foi revelada?

FREI AMADEU — Perderam-se todos! Não-de perder-se todos... se entretanto não forem convertidos à nossa santa religião!

LUSITANO (*aos espectadores*) — Destas e outras preocupações juvenis tive eu notícia bastante mais tarde. Mas não nos precipitemos. Ainda não vos disse o meu nome. Não tardarei a apresentar-me devidamente, como pessoa civilizada. Vejamos, no entanto, a ordem dos acontecimentos.

D. HENRIQUE — Se Deus — como diz São Paulo — quer que todos os homens se salvem...

(*Ouve-se o vagido duma criança.*)

FREI AMADEU — Escutai...

D. HENRIQUE — ... terá de conceder a todos os meios indispensáveis...

FREI AMADEU — Em termos bastante terrenos... creio que Deus nos concederá a graça...

D. HENRIQUE — ... de salvarmos um recém-nascido...?

FREI AMADEU — Vós o dissestes.

D. HENRIQUE (*apontando um pedregulho na praia*) — Da li vem o choro da criança.

FREI AMADEU (com um gesto largo, caminhando naquella direcção) — *Vade retro!*

(E, misteriosamente, o pedregulho desliza para o lado contrário, deixando a descoberto uma alcofinha de folha de palma, em que está deitado um bebé. Mais exactamente, um boneco que o representa.)

D. HENRIQUE — É um menino.

LUSITANO (à parte) — Puro pressentimento. Por acaso, acertado.

FREI AMADEU — É que ainda não verificámos...

D. HENRIQUE — Nem é preciso. Pela potência da voz...

(O Infante pega na criança ao colo.)

LUSITANO (aos espectadores) — Sou eu. Uma linda criança, por sinal. Devo ter apenas alguns dias de existência.

FREI AMADEU (depois de lhe fazer festas com a mão) — Mas quem poderão ser os pais do criançaço?

D. HENRIQUE — Tem bom aspecto. Bem vestidinho. Mas numa alcofinha, abandonado?

FREI AMADEU — E é que, com o subir da maré, iria certamente levado pelas ondas.

D. HENRIQUE — Moisés: poderia ser o nome.

FREI AMADEU — E como não sabemos quem são os pais, e para que não fique sem nome de família, poderíamos acrescentar-lhe: Salvo-das-Águas.

LUSITANO (aos espectadores) — Não gostei do nome de baptismo. Menos ainda do restante, formando pleonasma. E desatei num berreiro...

(Chora o menino a plenos pulmões.)

LUSITANO — Mais: protestei ainda de maneira mais irreverente.

*(O bebé faz um chichi prolongado e abundante.)*

D. HENRIQUE *(endossando-o ao frade)* — Tomai-o lá, Frei Amadeu, que está a verter águas.

FREI AMADEU *(aceitando-o)* — E serei eu ama-seca, senhor? *(Para o bebé!)* *Pssst, pssst, pssst.* *(Para o Infante:)* Bem lhe poderíamos chamar Pancrácio, honrando assim o glorioso mártir neste seu dia de festa.

LUSITANO — Também não me agradou. Chorei, Berrei. *(Ouve-se a birrenta manifestação infantil.)* E ainda encontrei na minha bexiguinha um suplemento de chichi com que brindei o virtuoso Frei Amadeu. *(Mais uma mijadela do menino.)*

FREI AMADEU — Sai-te, malcriado! Pareces solto das urinas! *(E deposita-o na alcova. Para o Infante:)* Sendo assim, proponho que lhe chamemos Henrique, o nome do seu «descobridor».

D. HENRIQUE — Eu? Invocando a orgulhosa modéstia que será timbre da minha existência, aceitaria chamar-lhe Henrique... Lusitano.

FREI AMADEU — Na verdade, Sr. Infante, esse é um nome muito português.

*(O Infante e o frade põem-se de joelhos, um de cada lado do recém-nascido, como num presépio.)*

LUSITANO — Isto foi o que me contou meu padrinho, o ilustre Infante D. Henrique, quando já eu era moço. Então, para grande espanto do príncipe e de Frei Amadeu...

*(Aparece ao fundo, entre o Infante e o religioso franciscano, a Sibila Eurisménia, toda véus e transparências, vulto e voz de jovem semideusa.)*